

**ESCRITORES DA LIBERDADE:
Quando a exclusão parte da própria Instituição**

**FREEDOM WRITERS:
When the exclusion comes from the institution itself**

Mariângela Campos Zim¹

Resumo

O filme *Escritores da Liberdade* (Freedom Writers, EUA, 2007), dirigido por Richard LaGravenese, é baseado em fatos reais e conta a história da professora Erin Gruwell ao começar a lecionar na turma 203 do 2º grau no Colégio Wilson. Após sua primeira aula, Erin percebe que a educação naquela escola não era como ela tinha imaginado. No começo, a relação da professora com os alunos não é muito boa. Ela é vista como representante do domínio dos brancos nos Estados Unidos. Suas iniciativas para conseguir quebrar as barreiras encontradas na sala de aula vão, aos poucos, resultando em frustrações. Mesmo não contando com o apoio da direção da escola e dos demais professores, ela acredita que há possibilidades de superar as diferenças sociais e étnicas ali existentes. Para isso, cria um projeto de leitura e escrita iniciado com o livro “O diário de Anne Frank”, em que os alunos poderiam registrar em cadernos personalizados o que quisessem sobre suas vidas. Ao criar um elo com o mundo, Erin fornece aos alunos um elemento real de comunicação que lhes permite se libertarem de seus medos, anseios, aflições e inseguranças. Ela consegue mostrar aos alunos que os impedimentos e as situações de exclusão e preconceito podem afetar a todos independentemente da cor da pele, da origem étnica, da religião etc.

Palavras-chave: Ideal. Transformação. Persistência. Realidade.

¹ Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Newton Paiva. Professora do Ensino Fundamental no Colégio Santa Maria Minas. Especialista em Gestão Escolar pelo Instituto de Educação Continuada da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: manjazim@gmail.com

Abstract

The movie *Freedom Writes* directed by Richard LaGravenese is based on true facts and tells the story of the teacher Erin Gruwell, who starts to teach at classroom 203 at Wilson Highschool. After her first class, Erin realizes that the education at that school is not how she had imagined. At first, the relationship between the teacher and the students was very good. She is seen as representative of the white dominance at The United States. Her initiatives to attempt to break the barriers found in the classroom start little by little to become frustrated. Even without the support from the school's management and the other teachers, she believes that it is possible to overcome the existing social and ethnical differences. To do so, she creates a reading and writing project beginning with the book "The Diary of Anne Frank", in which the students could register whatever they wanted in customized notebooks. By Creating a link with the world, Erin provides a real communication element to the students allowing them to be free of their fears, yearnings, insecurities and afflictions. She is able to show the students that the obstacles, the exclusion and prejudice can affect all, regardless of skin color, ethnical background, religion etc.

Keywords: Ideal. Transformation. Persistence. Reality.

Os protagonistas do filme *Escritores da Liberdade*, jovens dos Estados Unidos da região de Los Angeles, pensavam não ter futuro algum diferente daquele de seus pais, familiares e amigos, os quais se envolviam com as gangues ou viviam sob o seu terror. Por se tratar de jovens moradores dos conjuntos habitacionais e das periferias, negros, latinos e asiáticos, pensavam estar condenados a entrarem para as gangues de seus bairros e defender a "honra" de sua etnia.

Suas vidas começam a mudar com a chegada de uma nova professora, Erin, Gruwell, com um intenso desejo de transformar vidas para melhor. Ela via na carreira de seu pai, o direito, uma etapa muito avançada para transformar histórias, e resolveu focar seus esforços profissionais em educar jovens do ensino médio, imaginando poder transformar esses jovens através da educação, ao invés de julgá-los por seus crimes em tribunais.

aSua primeira turma se mostrou um desafio: Era formada por jovens residentes em bairros de alta criminalidade, que já haviam tido contato direto ou indireto com crimes e mortes. Essa turma fora formada após a promulgação de uma lei de integração social pela Secretária de Educação. Como era de se esperar eles não foram bem recebidos na escola.

Ao longo do filme, a história desses jovens nos narra muito das tensões raciais e de classes existentes nos Estados Unidos. Esses adolescentes são um exemplo de verdadeiro preconceito. Por serem de comunidades pobres e de alta criminalidade, muitas oportunidades que seriam dadas a outros jovens, nunca lhes são dadas.

A escola e os seus professores não lhes davam a chance que todos merecem, preferiam isolar esses alunos, e juntá-los em uma espécie de reformatório dentro da escola, uma sala separada de todo o resto.

Enquanto a professora Gruwell tentava ensinar-lhes lições importantes sobre os estudos e a vida, eles continuavam assediados e subordinados pelas gangues e pela vida de criminalidade como um meio de sobrevivência. As gangues eram vistas como protetoras dos bairros, e de fato exerciam grande influência em suas regiões. Residentes dos bairros que eram contra as gangues, muitas vezes eram vistos como traidores de seu povo. Era muito improvável que os jovens dessa história se desvencilhassem de toda essa carga histórica, sendo mais possível serem absorvidos nessa trama de segregação racial e luta de classes.

Suas vidas mudaram com o que fora proposto pela então senhora Gruwell: criar laços de amizade e compreensão, entendimento e verdadeiro amor pelo próximo, criar cumplicidade. Os jovens começaram a se identificar por conta de suas histórias, suas lutas e seus medos, e juntos viram que era possível quebrar esse círculo de segregação e preconceito. O maior problema foram os obstáculos que a professora teve que vencer: a negação do pai e do marido e, principalmente, a falta de apoio dos gestores, que ainda amargavam a queda de classificação da média da escola com a entrada desses jovens e preferiam tratá-los como “caso perdido”.

O filme mostra a história acontecendo em uma escola dos EUA, cheia de preconceitos, que passa a ter que receber alunos em situações de risco social, inclusive com liberdade condicional e tornozeleiras. A história começa com a entrevista de chegada da professora Erin com a chefe de departamento, Margareth,

que não poupa críticas à nova lei e aos alunos, que julga terem prejudicado o bom desempenho da escola, manchando seu bom nome até então. Nesse momento já percebemos um grande e importante conflito do filme que se passa entre as duas. A professora novata, cheia de ânimo e vontade de trabalhar, fazendo a diferença, aplicando tudo o que aprendera, e a coordenadora que, ao longo de sua experiência, acumulou pessimismo e desilusão em situações semelhantes.

A coordenadora insiste que esses alunos têm que ficar separados e que não adianta um bom planejamento das aulas, uma vez que eles não teriam capacidade de acompanhar, como os outros. No filme, nota-se todo o investimento melhor que a escola faz para os alunos com as melhores notas, em sua maioria brancos, de classe média: a sala de aula mais confortável e bem estruturada, o horário diferenciado de entrada e saída e os considerados melhores professores. Até o acesso aos livros é restrito, considerando que aqueles alunos não têm boa capacidade de leitura e interpretação.

Apesar do desânimo da chefe, a professora assume confiante a sua turma 203 e, de fato, se assusta com a realidade que encontra. A primeira situação que chama a sua atenção é a divisão ideológica instituída na sala: brancos, negros, asiáticos, todos separados e compartilhando um ódio mútuo no pequeno espaço. Há uma competição entre eles e nada de interação. Desordem e desrespeito imperam na sala, impedindo a professora de ministrar qualquer conteúdo.

O diretor da escola, Brian Gelford, ao invés de incentivar a professora a continuar investindo nos alunos, pede para ela não se preocupar com o desinteresse, afirmando que, ao menos metade da turma, abandonará os estudos antes do fim do semestre.

Outro personagem, o pai da professora Gruwell, também tenta desanimá-la insistindo que ela trabalha com delinquentes e que desperdiça seu tempo com esses alunos avessos à educação. Seu marido também se preocupa com o novo trabalho e pede que ela reflita sobre os riscos que correrá. Enfim, são muitos os embates que a professora enfrenta ao tentar realizar o seu trabalho: os alunos, rebeldes, cheios de hormônios da juventude que lhes dão coragem para se rebelarem diante dos mais velhos, tentando se reafirmarem na sociedade, considerando já serem indivíduos possuidores de opiniões; seus superiores, (respeitando a hierarquia) por terem passado pelas mesmas situações de desejos de transformação, sem obter

êxito. Eles acreditam que toda medida com esse objetivo é inválida, pois a vinculam ao próprio fracasso, quando eles se referem à “experiência” que tiveram.

O filme segue mostrando alguns diálogos que a professora estabelece com os alunos sobre as gangues. Ela, então, percebe que há assuntos de maior necessidade a serem trabalhados acima dos conteúdos que precisa ministrar. É nesse momento que Erin faz várias interferências com indagações sobre quem, realmente, eles representam nas gangues e o que, de fato, afetaria, caso eles perdessem a vida por elas. E os alunos, notando que alguém, finalmente, se interessa em ouvi-los, passam a responder com interesse desconhecido até então. Erin decide fazer os jovens relacionarem seus conflitos com as lutas de raças que existiram na segunda guerra mundial. Ela decide incentivar a reflexão sobre a necessidade de tolerância mútua, através da leitura do Diário de Anne Frank e da produção de seus próprios diários para refletirem sobre suas condutas. Mais uma vez a coordenação da escola a limita, impedindo-a de retirar os livros da Biblioteca da escola, alegando que os alunos não seriam capazes da interpretação que a professora desejava. Ela respeita a superior, mas não desiste da ideia. Resolve trabalhar nos outros turnos para conseguir verba e bancar seu projeto. Infelizmente, Erin perde o casamento, pois seu marido não tolera tamanha dedicação e decide sair de casa. Mas, por outro lado, os alunos, motivados pela leitura, quebram a indiferença antes existente na sala e passam a respeitar a professora e interagir em sala de aula, comparando situações de suas vidas com as de sofrimento lidas no livro de Anne Frank.

Revigorada com o interesse e o reconhecimento dos alunos, ela decide investir mais, levando os jovens ao Museu Memorial do Holocausto e ainda arrecada dinheiro junto com a turma, para trazer até eles a mulher que acolheu e escondeu Anne Frank para uma entrevista na escola. Ao se depararem com as atrocidades que os nazistas cometiam e relacioná-las com as próprias experiências de atitudes preconceituosas, os adolescentes deram início a um processo de tolerância que mudaria definitivamente o convívio deles em sociedade. Alunos de outras salas pedem para migrar para a sala da Sra. Gruwell, e sua turma pede para que ela não os abandone nos próximos dois anos, como é de costume na escola.

Bons professores são didáticos, professores fascinantes vão além. Possuem sensibilidade para falar ao coração de seus alunos (CURY, 2003, p. 64).

A coordenadora, mais uma vez, não consegue admitir a ascensão de uma principiante e procura um órgão superior para tentar impedi-la, alegando ser ela muito jovem para assumir as turmas de 3º e 4º anos, lugar que, até então, só coube a professores experientes como ela.

A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática, sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo (FREIRE, 1996, p. 22).

Erin conclui com louvor seu projeto com os alunos ao ganhar de um empresário computadores em que eles puderam digitar e imprimir seus relatos e transformá-los em livro, uma coletânea intitulada de “Escritores da Liberdade”. Ela consegue o aval para lecionar nas turmas de 3º e 4º anos e não parou de transformar a realidade dos alunos da turma 203, servindo de inspiração, desde então, para milhares de professores que, como ela, acreditam na educação como a melhor forma de mudar o mundo.

O filme nos possibilita refletir sobre a forma como a inclusão (em seus vários aspectos) é, de fato, trabalhada nas escolas e como o trabalho dos gestores pode tanto ajudar, como atrapalhar o desenvolvimento desse trabalho.

Desmotivada pela queda da média de notas da escola, a gestora Margaret enxerga a integração dos alunos como algo ruim e, de certa forma, veta acessos, verbas e outras possibilidades de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, nos possibilita uma ampla reflexão sobre o cotidiano do professor, suas angústias e a vontade incansável de ensinar e aprender. Observa-se no enredo do filme um descompromisso da gestora para com a educação, visto que o seu principal papel no ambiente educacional seria garantir excelência na educação e incentivar a produtividade dos professores.

Durante todo tempo, Margaret ressalta a incapacidade de aprendizagem dos alunos e a impossibilidade de mudar o comportamento daquela turma; e o pior, desencorajava a recém-formada professora Erin Guwell de acreditar que suas ações, que lhe custavam tempo e dinheiro, seriam em vão. Essa é a realidade de

muitas de nossas escolas: gestores que não aceitam a mudança e não acreditam na transformação do sujeito. Mas, em contrapartida, existem muitos professores que têm uma visão reflexiva acerca do processo de ensino e aprendizagem e acreditam na possibilidade de transformar a realidade intelectual e social de seus alunos, apesar da falta de apoio pedagógico e de recursos financeiros.

Referências

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

ESCRITORES da liberdade. Direção Richard Lavagranese. Roteiro: Richard Lavagranese e Erin Gruwell. EUA/Alemanha, 2007 (2h30min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IHmw50azNzs>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)